

VIDA E SOFRIMENTO EM NIETZSCHE

Valter do Nascimento¹
Wellington Lima Amorim²

RESUMO: Este artigo pretende analisar o pensamento filosófico de Nietzsche acerca da vida e do sofrimento, a partir de uma perspectiva ativa. Demonstrando que para o filósofo a vida é um constante vir a ser, um eterno devir. Portanto, deve ser vivida sem ideais ascéticos. E ainda, analisar a perspectiva nietzschiana sobre a metafísica enquanto uma fuga para o além-mundo, apresentando a vontade de potência como doutrina da vida. Afinal, é a partir desta vontade de potência que o homem e o mundo se movem, compreendendo o sofrimento não como um empecilho para a vida, mais enquanto mecanismo de auto superação de si.

Palavras-chave: vida, vontade de potência, sofrimento, metafísica.

ABSTRACT: This article intends to analyze the philosophical thought of Nietzsche about life and suffering, from an active perspective. Demonstrating that for the philosopher life is a constant becoming, an eternal becoming. Therefore, it should be lived without ascetic ideals. Also, to analyze the Nietzschean perspective on metaphysics as an escape for the beyond-world, presenting the will of power as the doctrine of life. After all, it is from this will of power that man and the world move, understanding suffering not as a hindrance to life, but as a mechanism of self-surpassing self.

Keywords: life, willpower, suffering, metaphysics.

INTRODUÇÃO

Nietzsche ficou conhecido na história por seus escritos extremamente polêmicos. Iniciou os estudos acadêmicos na universidade de Bonn, concluindo os estudos em Filologia na universidade de Leipzig. Lecionou por dez anos na Basileia, onde adquiriu aposentadoria com a ajuda do amigo e professor Overbeck. Nietzsche deixou o magistério por não acreditar em metodologias fechadas e padronizadas. Pois, via nesse modelo de ensino a derrocada do homem enquanto vontade de potência. Tendo por base os escritos de Nietzsche e seus comentadores, nasceu o seguinte artigo científico: *Vida e sofrimento em Nietzsche*. Este artigo propõe uma análise acerca do conceito de sofrimento e a afirmação da vida.

¹Mestrando em Filosofia Prática pela Universidade Federal do Piauí. E-mail: naseval@hotmail.com

² Dr. em Ciências Humanas. Universidade Federal do Maranhão. E-mail: wellington.amorim@gmail.com

Para isto, a vida deve ser vivida sem ideais ascéticos, sem muletas metafísicas, sem castração das pulsões e das paixões, que são partes integrantes da natureza e do homem. Por isso é preciso assumir a vida em sua completude, tornando-se aquilo que se é. Com relação ao sofrimento, pode-se perceber que o pensador não o compreende como um mau em si. Mas como parte integrante da vida sendo participe da natureza no mundo. O sofrimento ao invés de se tornar um fardo deve ser encarado como instrumento de superação do próprio homem em direção a um além-homem. Em meio as dores e as doenças, deve-se buscar a superação de suas fraquezas.

O CONCEITO DE VIDA EM NIETZSCHE

Para Nietzsche é necessário que se viva todos os sofrimentos e dissabores, alegrias ou prazeres, com a mesma intensidade e amorosidade: dizendo um eterno sim à vida sem escapes metafísicos. E adverte: que todos ideais ascéticos são fugas para um além-mundo ou fugas para dentro de conceitos que tendem a tomar o lugar da vida. Para Nietzsche, tudo é um devir, mudança constante. Consequentemente a vida como parte integrante deste mundo também é mudança. Com isso, não existe essência ou fundamento, ou ainda, metafísica. Para o filósofo a metafísica ou como ele chama, fuga para o além, é a perspectiva de quem não ama esta vida, é a perspectiva de quem a nega. Não precisa-se afirmar imanência deste mundo, pois é a única existente, uma vez que para o pensador a transcendência não existe. A não ser no imaginário daqueles que insistem em propor um mundo das ideias, como sendo uma instância paralela a realidade sensível.

Desta forma, o destino do homem e do mundo é determinada pela vontade de potência. Esta vontade se expressa no corpo. Afinal, ninguém escolhe o corpo como destino, por isso, é necessário amá-lo, como também é necessário amar a vida e o mundo, bem como, com todos os seus sofrimentos e alegrias. Para Nietzsche não se trata de amar o sofrimento, mas a vida, que não existe sem o sofrimento. Amar e afirmar a vida não é lamentar-se, mas compreender que é uma força em meio a tantas outras, ativas e reativas. Viver cada instante, com toda a intensidade é a vontade de potência no seu mais alto grau.

Para o *Ano Novo*, - Eu ainda vivo, eu ainda penso: Ainda tenho de viver, pois ainda tenho de pensar. *Sum, ergo cogito: cogito, ergo sum* [Eu sou, portanto penso: Eu penso, portanto sou]. Hoje, cada um se permite expressar o seu mais caro desejo e pensamento: também eu, então, quero dizer o que desejo para mim mesmo e que pensamento, este ano, me veio primeiramente ao coração-que pensamento deverá ser para mim razão, garantia e doçura de toda a vida que me resta! Quero cada vez mais

aprender a ver como belo aquilo que é necessário nas coisas: - assim me tornarei um daqueles que fazem belas as coisas. *Amor fati* [amor ao destino]: seja este, doravante, o meu amor! Não quero fazer guerra ao que é feio. Não quero acusar nem mesmo acusar os acusadores. Que a minha única negação seja desviar o olhar! E, tudo somado e em suma: Quero ser, algum dia, apenas alguém que diz sim! (NIETZSCHE, 2006. P. 161-162).

Por meio dessa abordagem, para os que pensam ou imaginam que Nietzsche é um pessimista é bom considerar que o mesmo não é um filósofo dualista, não existindo em si mesmo o bem e mal, pessimismo ou otimismo, mas vida. O grande projeto filosófico de Nietzsche é não negar a vida. Esta flui como vontade de potência. Por isso, deve ser entendida como um eterno retorno do mesmo. Afirmando as diferenças e o querer como forças que dançam:

Tudo vai, tudo volta; a roda da vida gira sem cessar. Tudo morre; tudo volta a florescer; correm eternamente as estações da vida. Tudo se destrói, tudo se reconstrói, eternamente se edifica a mesma casa da existência. Tudo se desagrega, tudo se saúda outra vez; o anel da vida conserva-se eternamente leal a si mesmo. A todos os momentos a vida principia; ao redor da cada aqui, gira a bola acolá. O centro está em toda a parte. O caminho da eternidade é tortuoso (NIETZSCHE, 1985, p.167). (...) Não, a vida não me desapontou! Pelo contrário, todos os anos a acho melhor, mas desejável, mais misteriosa... desde o dia em que vejo a mim a grande libertadora, essa ideia de que a vida podia ser experiência para aquele que procura o conhecimento-, e não um dever, não uma fatalidade, não um engano!- É próprio conhecimento- que para os outros seja outra coisa, por exemplo, um leito de repouso, ou o caminho que leva para um leito de repouso ou ainda um divertimento ou vadiagem- para mim é um mundo de perigos e de vitórias onde os sentimentos heroicos têm seu local de dança e de jogos. “*A vida como meio de conhecimento*” - com esse princípio no coração se pode viver não somente com bravura, mais ainda *viver alegremente e rir de felicidade!* E como se conseguiria chegar a bem rir e a bem viver se antes não se conseguisse enfrentar a guerra e conquistar a vitória (NIETZSCHE, 2006.p.187).

Logo, a vida não desapontou o filósofo. A vontade de potência surge pela primeira vez ligada à ideia de vida quando Nietzsche a denomina como doutrina da vida. É a partir desta vontade que o homem e o mundo se move. O filósofo pensa a vida em sua efetividade no mundo e a multiplicidade de impulsos que ela apresenta: “*Apenas onde há vida há também vontade: mas não vontade de vida, e sim- eis o que te ensino-vontade de poder!*” (NIETZSCHE, 2011, p.110). A vida é vontade de poder e surge como expansão e crescimento, como resistência por meio de um enfrentamento entre os impulsos, onde cada desejo quer manifestar sua vitalidade. Deste modo, a vida como partícipe do mundo brota enquanto resultado da expansão deste poder e, conseqüentemente o homem é

impulsionado pelo desejo de externalizar este poder. No entanto, é necessário ter cautela para não cair em um reducionismo, afirmando a vontade de potência como simples realização do poder. Pois a vontade de potência está presente tanto no comando como no obedecer:

É virtuoso que uma célula se transforme numa função de outra célula mais forte? Ela tem de fazê-lo. E é mau que a mais forte a assimile? Ela tem de fazê-lo também; é necessário que o faça, pois procura abundante substituição e quer regenerar-se. [...] Alegria e desejo coexistem no mais forte, que quer transformar algo em função sua; alegria e vontade de ser desejado, no mais fraco, que gostaria de tornar-se função (NIETZSCHE,2012, p.133-134).

Nietzsche faz a sua crítica a moral levando em consideração que o julgamento do valor da vida não pode ter por referência ideais ascéticos. Em sua visão filosófica a vida é um valor absoluto e, portanto, não pode ser avaliada. Em outras palavras, a vida não pode ser medida tendo como parâmetro constructos antropomórficos limitados: “a própria vida é essencialmente apropriação, ofensa, sujeição do alheio e do mais fraco, opressão, dureza, imposição das formas próprias, incorporação e, pelo menos, no caso mais ameno, exploração” (NIETZSCHE, 2013, p. 210). O pensador concebe a vida como multiplicidade de forças. Desta forma, cada impulso busca impor o seu comando no mundo, e juntamente com suas partes se apresenta e constrói interpretações diversas da realidade: “*Querer preservar a si mesmo é a expressão de um estado indigente, de uma limitação do verdadeiro instinto fundamental da vida, que tende à expansão do poder e, assim querendo, muitas vezes questiona e sacrifica a auto conservação*” (NIETZSCHE,2012, p.217).

Essa força de auto superação é a vontade de potência que busca criar, potencializar-se e superar-se a cada instante na existência. Desta forma, a vida terrena defendida pelo filósofo encontra uma perspectiva afirmadora-criativa, porque “*a luta grande e pequena gira sempre em torno da preponderância, de crescimento e expansão, de poder, conforme a vontade de poder*” (NIETZSCHE, 2012, p.217), em torno dessa questão surge a possibilidade de apoderar-se da vitalidade. Para Nietzsche a vontade de potência necessita de uma concepção trágica do existir humano, para que assim possa mostrar toda a sua autosuperação mediante a tragédia. Pois, a vida é afirmada no devir como possível criação artística.

O SOFRIMENTO COMO INSTRUMENTO DE SUPERAÇÃO DE SI

De acordo com algumas crenças sofrer é própria condição da vida. Portanto, o homem deve buscar um nir (negação) vana (sopro), ou seja, uma “*negação da vida*” (*nirvana*) para evitar o sofrimento. Mediante estas afirmações surgem alguns questionamentos: De onde vem essa vontade de não querer sofrer? Segundo o cristianismo este caminho se dá por meio do ascetismo no campo da eternidade, uma vez que a vida plena só ocorre no momento em que o homem encontra-se com o além-mundo. Portanto, esta vida terrena é apenas um estágio onde o homem deve buscar superar todo sofrimento e lutar para que um dia possa gozar de todas as alegrias. Nietzsche classifica tais justificativas cristãs como sendo um “sofrimento dobrado”. Para o cristianismo, a vida só deixa de ser sofrimento quando remetida para o além, não compreendendo de que o sofrimento é parte integrante das forças ativas e reativas que compõem a existência do mundo:

[...] Nele, toda a existência é sofrimento. Mas existe uma enorme diferença com relação ao cristianismo. Ainda que o objetivo seja o *nirvana*, o budismo prega o *caminho do meio*. Existe uma busca por equilíbrio. O próprio Siddartha, antes de se tornar Buda, sofreu com a ascese e chegou à conclusão de que os extremos são ruins ao homem. Portanto, o homem sábio deve buscar o seu equilíbrio. Isso aliviará, em grande parte, o seu sofrimento na vida. Vejamos que mesmo com *caminho do meio* não se deixa de querer extinguir o sofrimento na vida. Há dois grandes princípios budistas: o da vida como sofrimento e da cessação do sofrimento. Por isso, é que, para Nietzsche, o budismo também é uma religião ou ideal niilista. Em se tratando de medicina, também ela tem uma *missão*: a de diminuir o sofrimento humano e, se possível, quem sabe um dia, chegar até acabar de vez com ele. Tantas coisas já foram inventadas, até “pílulas da felicidade”. Desse ponto de vista, o médico não tem nada a ver com o amor *fati*. Ele deseja mudar o *fatum* e, as vezes, termina por gerar inúmeros problemas que variam desde o campo ético até outros que lembram bem um *doutor Frankenstein* [...] (ARAUJO, 2009. p. 34-35-36).

Observe: no caso da medicina, não se trata de abandonar o corpo a própria sorte, sejamos prudentes neste ponto, mas de encontrar sentido para o sofrimento. Nietzsche apresenta dois polos para o sofrimento que buscam explicar essa dicotomia homem/sofrimento:

[...] existem dois tipos de sofredores, os que sofrem de abundância de vida, que querem uma arte dionisíaca e também uma visão e compreensão trágica da vida - e depois os que sofrem de empobrecimento de vida, que buscam silêncio, quietude, mar liso, redenção de si mesmos mediante a arte e o conhecimento, ou a embriaguez, o entorpecimento, a convulsão, a loucura (NIETZSCHE, 2001, p.272-273).

É importante ressaltar que a falta de sentido existencial também se enquadra, em um grande sentimento, uma vez que o ser humano necessita de uma finalidade para todas as coisas, inclusive para o sofrimento:

O homem, o animal mais corajoso e mais habituado ao sofrimento, *não* nega em si sofrer, ele o *deseja*, ele procura inclusive, desde que lhe seja mostrado um sentido, um para quê no sofrimento. A falta de sentido do sofrer, *não* o sofrer, era a maldição que até então se estendia sobre a humanidade- e o *ideal ascético lhe ofereceu um sentido!* (NIETZSCHE, 2002.p. 149).

Logo, os dois tipos de sofredores. Os primeiros são aqueles que sofrem por abundância de vida, ou melhor, os senhores que possuem uma força vital desmensurada mas sofrem porque toda a doação, o fazem não por humanidade, mas por terem muita vitalidade, por ter força em abundância, e isso é um sofrer de poder afirmativo que quer extrapolar, cada vez mais, não atingindo esse fim sofrem por excesso de vida. Para estes o sofrimento é um estímulo para se tornarem mais fortes. Já o segundo tipo de sofredor, sofre por pobreza de vida, maldizem a todo instante a vida, por não terem força suficiente para suportá-la. Eles não podem doar vitalidade, pois estão sempre necessitando de vida. Para os pobres de poder vital, o sofrimento sempre será visto como empecilho ao viver pleno. E estes são maioria na cadeia existencial.

Por meio desta análise, percebe-se o porquê de existir dois tipos de sofredores e a vontade de potência é sempre o referencial. O primeiro tipo é forte e não precisa inflar para mostrar que existe, sua potencialidade é demonstrada e reconhecida por todos. O segundo é um tipo fraco que vive a inflar, desejando algo que sustente sua existência e lhe dê sentido de viver está vida na sua temporalidade: “Minha antipatia: não gosto de pessoas que, para ter algum efeito, necessitam estourar como bombas, e junto às quais sempre há o perigo de perdermos subitamente a audição e mesmo alguma coisa mais”. (NIETZSCHE, 2006, p. 152).

Por isso, a metafísica assume a função de um medicamento anestésico. Da mesma forma que o cristianismo é explicação popular do dualismo platônico. O tipo dionisíaco e trágico de que fala Nietzsche é o ser humano que aprende que a vida é sofrimento sem a necessidade de justificar um sentido, que não seja a própria existência no seu devir, vir-a-ser. A vida e o sofrimento serão encarados pelo tipo dionisíaco e trágico de tal modo a serem transformados em estímulos de crescimento. Aquele que se supera em meio a sua decadência torna-se um destruidor/criador. No sentido de quem destrói também cria, transformando-se em um afirmador da vida como luta: como vontade de potência. Em meio as dores e o sofrimento, a afirmação da vida é necessário para o crescimento e manifestação da vontade de potência, instrumento de autossuperação de si. Enfim, o sofrimento também é vontade de poder. A luta entre a vida e o sofrimento busca a expansão e o crescimento do homem, a partir de um enfrentamento entre o impulsos. Sofrer também é viver!

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, D.P. *Nietzsche: A experiência de si como transgressão (loucura e normalidade)*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007.
- CALÇADO, Thiago. *O sofrimento como redenção de si: Doença e vida nas filosofias de Nietzsche e Pascal*. São Paulo: Paulus, 2012.
- DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Tradução: Edmundo Fernandes Dias e Ruth Joffily Dias. Editora Rio- RJ. 1976.
- MARTON, Scarlett. *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*. São Paulo. Editora Brasiliense: 1990.
- MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *A doutrina da vontade de poder em Nietzsche*. Tradução de Oswaldo Giacóia Junior. São Paulo: ANNABLUME, 1997.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Tradução Antônio Carlos Braga. 3. Ed. – São Paulo: Editora Escala, 2006.
- SOUSA, Mauro Araújo de. *Nietzsche: Viver intensamente, tornar-se o que se é/ Mauro Araújo de Sousa*. São Paulo: Paulus, 2009. (Coleção Filosofia em questão)
- _____. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L& PM Pocket, 2013.

- _____. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém.* Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- _____. *Fragmentos Póstumos.* Vol. VII: 1887-1889. Tradução: Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- _____. *Crepúsculo dos ídolos ou como se filosofia a marteladas.* 3^a ed. Trad. Delfim Santos Filho. Lisboa: Guimarães Editores, 1996.
- _____. *Genealogia da moral: uma polêmica.* 4^a reimpressão. Trad. Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- _____. *A visão dionisíaca do mundo, e outros textos de juventude.* São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. *O nascimento da tragédia.* Tradução de Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- WOTLING, Patrick. *Nietzsche et le problème de la civilisation.* Paris: Presses Universitaires de France, 1995 (Collection dirigée par Blandine Kriegel).